

# educação & realidade



# Sumário

---

O trabalho como princípio educativo em Gramsci <b>Paolo Nosella</b> .....	3
A escola e a produção da sociedade <b>André Petitat</b> .....	21
Magistério de 1º grau: um trabalho de mulher <b>Guacira Lopes Louro</b> .....	31
A luta emancipatória entre os catadores de lixo na periferia de Porto Alegre: a provisoriedade da educação pelo trabalho <b>Nilton Bueno Fischer</b> .....	40
Currículo e poder <b>Michael W. Apple</b> .....	46
A questão da cultura técnica na escola <b>Lucie Tanguy</b> .....	58
Reflexão sobre educação e filosofia a propósito do ensino de filosofia no 1º e 2º graus <b>Laetus Mario Veit</b> .....	69
Por uma sociologia da avaliação <b>Menga Lüdke</b> .....	73
Considerações prévias a um estudo da educação em Gramsci. Política/Educação no Partido <b>Blás Cabrera Montoya</b> .....	78

---

## educação realidade

V. 14, nº 2, jul./dez. de 1989

**Educação & Realidade** é uma publicação semestral da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Editores:** Rovilio Costa e Tomaz Tadeu da Silva

**Conselho Editorial:** Alceu R. Ferrari (presidente), Ângela M. B. Biaggio, Laetus M. Veit, Margot B. Ott, Maria Beatriz M. Luce, Renita L. Allgayer, Rovilio Costa e Tomaz Tadeu da Silva

**Secretária:** Jacy Busato

**Projeto Gráfico:** Abnel de Sousa Lima Filho  
(Central de Produções – FACED/UFRGS)

**Composição:** Artexto – Serviços Gráficos e Editoriais Ltda. – Rua 13 de maio, 468 – Fone: (054)222.6223 – Caxias do Sul – RS

**Capa:** Kundry Lyra Klippel sobre pintura de Goya (*La Cucagna*)

**Assinaturas e números avulsos:** Pedidos de assinaturas devem ser enviados ao seguinte endereço, juntamente com cheque cruzado em nome de **Educação e Realidade:**

Educação e Realidade  
Faculdade de Educação  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Av. Paulo da Gama, s/nº, 8º andar  
90.040 – Porto Alegre – RS – Fone:(0512)25.1067  
Brasil

ISSN 0100-3143

# Reflexão sobre educação e filosofia a propósito do ensino de filosofia no 1º e 2º Graus

LAETUS MÁRIO VEIT

**V**oltou a ser objeto de análise e debates a questão do ensino de filosofia no 1º e 2º graus. A presente reflexão tem por objeto este ensino, questionado quanto a seu sentido e valor para a educação da juventude brasileira hoje.

O texto quer ser deliberadamente sintético lembrando apenas os tópicos centrais da problemática e os motivos que parecem mais convincentes para justificar a volta de um conteúdo de ensino que não parece ser tão facilmente dispensável sem conseqüências indesejáveis.

*Educação e filosofia* formam um binômio inseparável desde as origens de nossa cultura e assim permanecem até hoje. Uma aspira à consciência mais abrangente, a outra à ação mais totalizadora. Desde aquela origem estão associadas intimamente três instâncias da vida racional humana: a filosofia, a política e a educação; basta lembrar a utopia da *República* de Platão. O homem, enquanto vida político-histórica, começa a ser levado a si pela educação, no espaço reflexivo da filosofia, no qual toma consciência mais radical e abrangente de sua existência possível e no qual o processo educativo se procura legitimar.

*A filosofia* tem a ver com “tomada de consciência”. Pretende até ser o posto mais avançado de uma escalada de onde, em princípio, a visão seria mais total, mais abrangente, mostrando os

elementos da paisagem em sua conexão e em sua individualidade ao mesmo tempo. Mas esta escalada não está à margem da vida que se oferece em espetáculo no topo da montanha, porquanto o espetáculo não é nem uma paisagem estável, mas o turbilhão de um processo ao qual pertence a escalada, a visão e o ver. O próprio turbilhão ergueu a montanha a partir da qual se pudesse contemplar.

Mas o turbilhão da vida é o quê? Sou eu a vida, minha vida? É a sociedade da qual e na qual vivo? É a natureza da qual eu e a sociedade procedemos? É a cultura, qual sujeito soberano e absoluto que tudo envolve e determina como um tempo histórico todo poderoso? Ou existe um mero acontecer mais ou menos pontual, mais ou menos contingente ou totalmente contingente? Este turbilhão da vida se conduz por uma consciência ou um inconsciente? Ou é comandado por ambos? Segundo que regras, que princípios? É a luta, por vezes obscura e ambígua, generosa e heróica que engendra tudo ou tudo vive do desejo de reconciliação e de reconhecimento? Onde estamos? O que somos? Já que tais problemas são tudo menos fictícios e imaginários, parece ser bom e oportuno fazer refletir o jovem sobre sua identidade e proveniência.

*A educação* é o processo que visa nada mais que a promoção da vida, desta vida turbilhão, segundo sua destinação total.

O desenvolvimento das disposições

da natureza em sua determinação técnica, social-pragmática, são o objeto primeiro ou mais imediato do processo educativo. Mas em tudo estará sempre visado o desenvolvimento das disposições morais, isto é, do homem capaz de se encontrar, de se comunicar, de respeitar e ser respeitado, capaz de amar, numa palavra, capaz de ser livre e de se orientar em um mundo natural e histórico. Por isso a advertência de Kant pode ser oportunamente lembrada: "Não se deve educar as crianças segundo a situação presente da espécie humana mas segundo seu estado futuro possível e melhor, isto é, de acordo com a idéia de humanidade e sua destinação total" (Kant, in *Reflexions*, p. 446). Assim o filósofo descreve a preocupação filosófica por uma verdade concreta que deveria animar o empreendimento educativo. Este é o teor da preocupação filosófica do educador.

Se agora olharmos para o *aluno*, logo entenderemos que também ele deverá assumir, pela vida afora, uma visão, uma consciência e um comportamento animado pelo *ethos* filosófico. Estamos, pois, em educação, comprometidos com a questão da totalidade do homem na totalidade da verdade, do mundo do sentido. Nada tão problemático hoje quanto a questão da *totalidade*, do sentido. O jovem hoje vive e experiêcia de muitas formas este problema. Nada mais justo que, através de maior aproximação do pensamento filosófico, seja informado sobre os termos em que a questão está sendo colocada hoje, que tome conhecimento dos esforços imensos que estão sendo desdobrados em torno da questão do sentido, da verdade, das condições da liberdade.

A reflexão filosófica é instância não só totalizadora, unificadora dos domínios, da multiplicidade, mas também a instância crítica, o momento da negação, quando a vida se recolhe para preservar, ainda que confusamente, sua identidade, mesmo que não seja mais que para tentar uma imagem mais convincente de suas próprias certezas e amores. Por tudo isso a filosofia vem diretamente ao encontro da intencionalidade educacional, que se desdobra contando com o pressuposto de que o jovem está propenso a perguntar e a questionar.

Há muitos motivos para compartilhar com a nova geração as preocupações filosóficas de nossa época, aquelas preocupações próprias da filosofia no contexto do tempo presente, porque certamente, como no início, continuamos a ter motivos de admiração e espanto, de angústia, de perplexidade, motivos de perguntar pelo sentido do que nos sobrevêm, de perguntar pelas exigências essenciais, pelas condições necessárias e mínimas da justiça, da condição humana.

O homem sempre habitou o mundo como filósofo. Mas tanto a auto-reflexão sobre sua própria experiência quanto o aprofundamento e legitimação de sua consciência mundana são fatos históricos tardios. No entanto, desde que se colocou, com o nascimento da filosofia, a exigência de fundar racionalmente a experiência em sua totalidade, não foi mais possível ignorar este imperativo.

Certamente não será necessário ensinar a admiração, o valor da verdade, da liberdade e da justiça. Mas a estas certezas obscuras, desde sempre dadas e intuídas, a filosofia confere maior clareza no espaço do discurso e da argumentação, elevando-as à vida da consciência social e histórica.

Ainda hoje parece-nos difícil, senão impossível, que a vida se possa processar humanamente num espaço cultural como o nosso, altamente reflexivo, ideologizado, trabalhado por complexos e múltiplos códigos mais e mais elaborados, sem que a necessidade de sentido, de verdade, tão característica do homem, se socorra de um certo poder crítico e totalizador ao mesmo tempo que permita ao indivíduo encontrar os suportes para sustentarem uma ação, um comportamento coerente consigo mesmo neste espaço cultural. Porque a ordem racional a que temos que nos submeter na existência concreta está longe de satisfazer ou expressar os interesses que definem o homem e suas possibilidades históricas. Como resgatar a vida da sofística generalizada, da positividade imperante, para um mínimo de unidade e sentido que nos permita conviver numa comunidade humana? Esta exigência de sentido e identidade é condição mínima e universal e se realiza na infinidade dos modos culturais e dos tempos históricos. Mas tan-

to mais esta intencionalidade se frustra quanto mais a experiência social nos faz experienciar a dilaceração dos vínculos humanos e a dificuldade do encontro num espaço comum onde novamente fazemos a experiência da razão e da liberdade, para lembrar um pensamento de Gadamer (Gadamer, 1983, p. 48). Esta razão e liberdade só serão possíveis na comunidade e no espaço do discurso e da ação.

Tudo isso é bem sabido, mas pouco meditado. Não mais havia motivos para ensinar nossos jovens a filosofar. Em certos setores sociais a jovem geração deixa de ouvir as vozes dos poetas, dos mitos e dos profetas, por isso presumivelmente está mais necessitada de ouvir a voz da reflexão filosófica. Temos que imitar novamente os gregos, que inauguraram esta atitude entre os homens, e fazer valer o poder organizador do conceito por sobre a infinita multiplicidade. Ou será mais esta volta ao conceito um movimento contra o poder sem limites da história? Não é o instante sua verdade suficiente? Já não sabemos que o conceito e o sistema é a inverdade do ser? A isso se pode opor o contrário: não é a verdade já sempre comunicável? Não nasce ela no aberto do encontro? Já não a supõem os discursos que a negam? Mas onde está a verdade: na luta ou na reconciliação? Na dominação técnica ou no reconhecimento do outro?

Importa pois manter ou reavivar a capacidade da admiração, pois não tudo é banal. Kosik nos alerta contra a tentação de sucumbirmos ao bom senso, contra a inflação do óbvio (Kosik, 1969, p. 198). O que é, por exemplo, mais banal que a questão da liberdade? Mas, o que é mais problemático do que ela? O que é menos óbvio, menos banal?

Somos avassalados por uma multidão de questões e respostas; problemas nos são propostos, soluções são aventadas e cresce a impressão de que o essencial permanece oculto e não dito e as mais das vezes positivamente silenciado. Se faz sentir de mil formas um poder do qual não dispomos; um saber que não nos advém por trabalho próprio. Somos trabalhados pelo tempo sem que saibamos para onde seremos levados. Mas esta consciência é também suficiente para despertarmos para novas respon-

sabilidades e que se define como responsabilidade política de participar no trabalho de construção comum da vida em comum, de uma sociedade emancipada e livre.

O endereço primeiro da educação é o indivíduo-pessoa. Ele é o alvo e o sujeito primeiro da ação educativa. Este indivíduo, que importa ser educado, é seu mundo, seu universo complexo, ordenado em vários patamares e esferas, mundo no qual mundos se articulam, modos intencionais de vida se imbricam, compondo o projeto no qual a vida se analisa e se expõe como inalienável exigência de unidade, de sentido na complexidade dos modos de estar no mundo e com os outros. Esta complexidade originária torna difícil o empreendimento educativo se estiver preocupado tanto em respeitar a exigência de unicidade da pessoa quanto em promover a dimensão universal e comunicativa da vida na comunidade humana e na natureza. Não é fácil educar, portanto, para a autenticidade irrepetível e para a comunicação sem limites da vida política e comunitária. Sentimos o evidente predomínio de um estilo de racionalidade que cultiva o poder de manipular o mundo objetivo sobre o poder de ordenar a vida para seus interesses políticos e éticos. Existe um evidente problema de liberdade, de emancipação, à procura de sua razão ou de suas razões e caminhos para se firmar frente ao poder, à coação inconsciente e consciente.

É evidente a *confluência* na atualidade, das preocupações filosóficas com os problemas mais sentidos no âmbito da educação: como traduzir, para o tempo presente, as exigências da liberdade, da justiça. Os avanços da reflexão e da autorreflexão do homem no âmbito da filosofia beneficiam uma educação voltada desde sempre à promoção do homem em sua verdade e liberdade possíveis.

Com isso se torna inevitável que a educação se interroge frente à filosofia sobre o possível lugar ou critério da verdade capaz de dar unidade e sentido ao processo educativo. Sem um critério de verdade para o projeto pedagógico será difícil promover uma ação coerente no universo complexo da educação formal. Muito menos será possível ser sujeito do processo histórico. As situações se sucedem sem que o educador tenha ca-

pacidade de decifrar a mensagem do momento no interesse da educação dos jovens e da infância. Onde encontrar o centro da gravidade no qual o discurso consiga organizar a experiência e orientar a educação? (a) O saber extensivo não mais obedece a um conceito intensivo onde se pudesse acolher na unidade da idéia. (b) Ou, quem sabe, o homem vive do trabalho e no trabalho em diálogo sem fim com a natureza e o melhor que pode é entregar-se a inteligência de suas próprias mãos fazendo-as o ponto de partida para a ordenação racional-dialética da vida? Quem pode nos ajudar? Hegel, Marx, Foucault? (c) Ou com Sartre proclamamos os direitos, as exigências da liberdade comprometida com a liberdade de todos e nos dedicamos a um infinito processo de totalização dos projetos? (d) Ou a verdade se pode dar no diálogo irrestrito livre de coação? (e) Ou deve a educação hoje deixar-se inspirar por uma ampla sabedoria pragmática visando à maior felicidade comum e minorar o sofrimento presente?

Não haverá mais nenhuma totalidade capaz de nos inspirar sem causar o terror totalitário? (Merleau-Ponty, 1968). Aqui recordamos Adorno quando escreve: “quanto mais a sociedade contribui para

a totalidade que se reduz no desterro do sujeito, tanto mais profunda é a sua tendência para a dissolução” (Adorno, *Negative Dialektik*, Suhrkamp, 1966, p. 337 cf. G. Bornheim, 1981, p. 46).

Em filosofia, como em educação, não há como ignorar o problema do sentido, da liberdade, da totalidade. É a posição da totalidade, do sistema, garantia de sentido, de verdade, de liberdade ou do terror? É a abdicação da totalidade equivalente à proclamação do vazio, do sem-sentido, do arbítrio ou condição da liberdade?

São problemas para a Filosofia e para a Educação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADORNO. *Negative dialektik suhrkamp*. 1966.
2. G. BORNHEIM. Vigência de Hegel: os impasses da categoria da totalidade in *Hegel*. Brasília, Cadernos de UnB, 1981.
3. H. G. GADEMER. *A razão na época da ciência*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
4. KANT. *Reflexions sur l'education*. Trad. e Intr. de A. Philonenko. Paris, Vrin, 1966.
5. K. KOSIK. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.
6. M. MERLEAU-PONTY. *Humanismo e terror*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

\*\*\*

Trabalho apresentado no Seminário Estadual do Ensino de Filosofia, Porto Alegre, 25 a 26 de agosto de 1988.

\*\*\*

Laetus M. Veit é professor do Departamento de Estudos Básicos da Faculdade de Educação da UFRGS.